

SESSÃO SOB O TÍTULO: «POLÍTICAS DE LÍNGUA NA GALIZA»

REALIZADA NA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

II CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE A SITUAÇÃO DA LÍNGUA

PORTUGUESA NO SISTEMA MUNDIAL

LISBOA, 29 OUTUBRO 2013

COMUNICAÇÃO DE JOSEPH GHANIME E ANTIA CORTIÇAS LEIRA

Nota: A apresentação de Antia Cortiças e Joseph Ghanime foi feita com apoio de uma apresentação com imagens e legendas, pelo que haverá algumas perdas de informação contextual na transcrição. Em casos pontuais, sintetiza-se entre parênteses retos a informação visual.

INTERVENÇÃO DE ANTIA CORTIÇAS LEIRA:

Boa tarde a todos e todas. Eu sou Antia Cortiças Leira. Sou professora de português na Galiza. Considero-o completamente um luxo. Vimos apresentar aqui a visão do que é o coletivo profissional de Docentes de Português na Galiza, com todas estas questões que já viram agora, que é uma confusão. Então, como docentes de português da Galiza, vou fazer uma breve apresentação do quadro, do panorama, ao qual já referiram os meus colegas -condições e coisas que acontecem- e já agora, estava esquecendo, eu sou professora de português e eu ensino português nas aulas. E também sou galega, então posso falar aqui assim, num foro que partilha, onde se está pretendendo chegar a um consenso e a falar de futuro de uma língua. Então agora vou explicar mais com este sotaque.

Como estava falando, somos da Associação de Docentes de Português. Então vamos ver o panorama do que acontece na atualidade na Galiza com a língua portuguesa, e o contexto em que se insere. Como temos visto, é uma confusão, uma janela em muitos lugares, uma porta está aqui, está ali. Não sabemos como sair, como entrar, como colocarmos, o que dizemos nós, o que pensam os outros de nós. É uma confusão, por todo o falado anteriormente por Ramón e a Rosario.

Vamos abordar esta apresentação de três pontos de vista. O processo educativo, que é do que vou falar eu. Depois darei passo ao meu colega Joseph, que falará um pouco mais dos discursos que acarretam esses posicionamentos no sistema educativo, e depois da prática pedagógica real. Penso que também é importante porque é de que estamos falando. Quem aprende, quem fala, quem usa, comunicar, etc.

Neste sentido, a língua portuguesa na Galiza teve diferentes enquadramentos em muito pouco tempo. Como comentaram antes os colegas, é no ano 1973 que se democratiza o ensino, portanto, é quando começa a haver uma massificação do alunado, com planos de ensino que vão ser aplicados, etc. Nessa primeira aplicação, no respeitante ao ensino universitário, que é o que capacita profissionais para tarefas educativas, estavam unidas filologia galega e portuguesa. Depois apareceu o processo de autonomia (política) e de normalização linguística. A partir de aqui, no início da década de 90 produz-se uma separação. O que antes era filologia galego-portuguesa passa a ser filologia galega e filologia portuguesa, o que é de conhecimento de toda a gente. Mesmo assim, mantém-se esse ramo comum. Nós, como estudantes da chamada filologia portuguesa estudamos o padrão da Galiza e vice-versa, os de filologia galega estudam língua portuguesa padrão referencial de Portugal. A partir de aqui voltam a produzir-se modificações. O processo de Bolonha começa mais tarde no Estado Espanhol, e foi em 2009-2010 que se começa a sua instalação, que implica

uma re-estruturação dos ciclos académicos, não só a nível de currículo, como também a nível de organização de cursos.

Eu estudei filologia galega também, mas não venho aqui falar estritamente de questões filológicas, porque a língua é mais do que isso, por esse motivo há estes conflitos que aqui vemos. Não vou entrar em processos históricos e a sua evolução. Porque, em primeiro lugar, estamos a olhar para o futuro.

A partir de 2009-2010 começa a aplicação do processo de Bolonha, re-estrutura os cursos e produz-se a separação, de alguma maneira, não só a nível de língua, como de organização curricular. Já não se foca o ensino no que é a língua, como em intercâmbio cultural, em multiculturalismo e aprender diferentes maneiras de ver o mundo. A partir de 2013 chega a ILP à política galega, essa proposta de lei para reformar as cousas.

Como foi referido, os dados do ensino do português na Galiza indicam que há 1000 estudantes. Nas escolas oficiais de idiomas, que é um nível de ensino quase inexistente no resto da Europa. É um luxo que possamos desfrutar deste serviço no estado Espanhol, um sistema de ensino público com ajudas públicas muito importantes e que favorecem um ensino mais democrático. Portanto é aqui onde está o maior peso do ensino do português. No ensino secundário há por volta dos 500-600 alunos e, no universitário, em diferentes formas, em diferentes centros de línguas, integrados ou não nos planos de estudos. E também no ensino primário, em cujo caso dependem do governo português e do delegado do Camões IP em Madrid. São poucos ainda, e em zonas raianas onde se pressupõe um intercâmbio maior, e onde as pessoas precisam de um mínimo reforço ou adaptação a diferentes realidades culturais e socioculturais. As escolas de idiomas estão orientadas a adultos, sendo voluntários. O problema é que com esta instabilidade, na ausência de decretos, leis e regulamentação, provoca um voluntarismo no ensino secundário. Não há uma aposta pelo profissionalismo -do qual agora eu faço parte, como Associação de Professores de Português- e está em evidente desigualdade com referência a outras línguas como o inglês ou francês, que sim têm os seus canais de profissionalização, com regulamentação.

Não vou estender-me mais, porque o que tem a dizer Joseph é o mais interessante do que fizemos agora para este encontro. Vemos que há um leque enorme de possibilidades, pensamentos, ideologias, visões, e não sabemos muito bem onde é que estamos. Vamos ver como é que vamos saindo desta situação. O importante é confluirmos. Ainda que os rios vão dar ao mar, às vezes o mar pode ir dar ao rio. O que é comum a todos os que estamos aqui é que o uso, ensino e aprendizagem da língua portuguesa, como de qualquer outra língua, seja mais à galega, à portuguesa ou à moçambicana, à angolana, à timorense ou à que for, é boa e dá riqueza. Todo conhecimento é bom.

A partir de aqui vêm outras propostas.

INTERVENÇÃO DE JOSEPH GHANIME:

Boa tarde, eu também sou professor de português na Galiza. Fui professor na Escola de Línguas de Lugo, por 5 anos, portanto faço parte tanto da lugofonia como da lusofonia, e vou falar também à galega. Embora nas aulas usemos um sotaque português, agora vamos falar à maneira galega.

Quero agradecer que tenham aceite a nossa comunicação, porque nós estamos aqui simplesmente na qualidade de docentes, nada mais. Não somos grandes especialistas na língua nem sábios. Sempre temos muito mais a aprender do que aquilo que sabemos. Também somos ativistas da língua. O que temos a apresentar são as duas vertentes do nosso trabalho. Eu vou falar dos discursos sobre o ensino do português na Galiza, com base num inquérito que não é nada definitivo, é só um início, um inquérito que realizamos com 100 estudantes de português das escolas oficiais de idiomas. Por

isso quero que os resultados se tomem também com toda a prudência que tem um mero início. Não é mais do que isso.

Um dado muito surpreendente. De 100 estudantes inquiridos, apenas o 1% consideraram que o português é uma língua estrangeira como qualquer outra. Quer dizer, o número de estudantes que começam a estudar português. Estamos a considerar o ensino básico. O número dos que entendem o português como língua estrangeira é ridículo. Isto é, não sabemos muito bem o que é o ensino de português na Galiza, mas não é o ensino de uma língua estrangeira como qualquer outra. Aqui poderiam começar os consensos.

Duas metáforas que acho operantes na Galiza, e as duas muito respeitáveis, do nosso ponto de vista: “português e galego, línguas irmãs”, e “português e galego, no essencial, a mesma língua”. Entre as respostas dadas neste sentido atingimos uma percentagem de 75%. Não incluímos no nosso inquérito, mas alguém sugeriu, quando chegou o inquérito, que achava em falta essa outra opção, que o português fosse filho ou filha da língua galega. Recebemos um e-mail de uma pessoa muito zangada porque não tínhamos colocado essa hipótese. Queremos fazer jus a esta pessoa e não deixar de mostrar a sua opção.

Algumas outras questões que podem ser consensuais. Em primeiro lugar, o português é uma língua que liga identitariamente com a Galiza, que é uma língua de enraizamento galego. De uma forma ou outra, todas muito respeitáveis. Os nossos inquéritos e a nossa experiência docente dizem que é consensual. Também se referiu ser consensual que o português liga com o passado dos galegos. Liga de uma forma muito direta, tanto na sua ortografia quanto na sua história, em geral, com o nosso passado. Liga também com o nosso presente. Têm uma imagem do festival de Paredes de Coura, um festival que se realiza no Minho, onde muitos jovens, nomeadamente galegos e portugueses, se encontram para desfrutar da música. É uma das múltiplas formas de como o português é operante na nossa sociedade. E também pensamos que tem uma ligação direta com o futuro, porque, com independência da ideologia linguística que se defender, penso que ninguém nega, na Galiza, que uma das peças da viabilidade do galego no futuro é a sua relação com a lusofonia, de muito diversas maneiras, todas elas também muito respeitáveis. 60% dos docentes inquiridos, portanto, tiraram a conclusão de que o ensino do português na Galiza não encaixa nas rotulagens convencionais. Não é bem o ensino de uma língua estrangeira, isso é claro, mas ninguém sabe muito bem o que será. Ninguém sabe muito bem o que poderá ser. Então vamos com algumas propostas de procura de consenso e de expansão do ensino do português na Galiza.

Primeiro, pensamos que seria consensual dar importância a três vantagens que têm os galegos em relação ao português. 1. Vantagem identitária: como foi referido, o português nasceu na Galiza; 2. Vantagem comunicativa: os estudantes galegos atingem o nível B1, que é o exigido em muitas instituições, em termos curriculares, muito mais depressa no português do que noutras línguas, e 3. Vantagem profissional e relacional. Pensamos que são três eixos em que podemos encontrar consenso na sociedade galega para promover o português.

Em 2003 houve um Acordo de Barcelona, da União Europeia, através do Conselho da Europa, em que se estabeleceu como objetivo a atingir, para para os estudantes de línguas, a aquisição de uma língua materna, mais uma língua internacional, mais uma língua de preferência pessoal. Podem ver claramente que não fiz referência ao inglês. A língua de comunicação internacional pode ser qualquer uma, não tem por que ser o inglês, e a língua de preferência pessoal pode ser uma língua minoritária ou minorada, não tem por que ser uma língua com muitos falantes. Então este é um cenário que julgamos positivo no futuro: por um lado, galego e português como língua própria, quer entendendo-as como línguas independentes, quer como fazendo parte da mesma língua. Com independência desse debate; mais uma língua que poderíamos chamar *ambiental* ou *oficial* ou materna, também, de muitos galegos, que seria o espanhol; mais uma língua de comunicação

internacional e uma língua de preferência pessoal. Não estamos a falar de língua materna + 2, mais de língua materna + 3. Isso quer dizer que o galego seria privilegiado culturalmente, porque só por ser galego tem acesso a duas línguas de comunicação internacional, só por isso, das mais faladas no mundo, e pode multiplicar o seu potencial plurilinguista com mais facilidade do que outras comunidades.

Vamos já à prática docente, ao que acontece nas aulas. 65% dos professores de português [inquiridos] estão a aplicar o Acordo Ortográfico. 70% têm de criar materiais próprios, não estão satisfeitos com os materiais que fornecem os materiais existentes. 55% usam um livro de português língua estrangeira, mas porque não têm outra opção. 45% não usam livro, não usam um único método para dar as suas aulas. O grau de satisfação com os métodos existentes é 3 sobre uma escala de 5. 84% querem um livro específico para os galegos aprenderem português. 50% defendem promover a pronúncia do português de Portugal, mais 33%, apesar de estarem a promover essa pronúncia, são partidários de promoverem um padrão fonético nas aulas de português que recolha traços comuns a toda a lusofonia, e não tão centrado nos traços específicos do português de Portugal. Isto é o que pensam os docentes [inquiridos]. Aqui há algumas tentativas muito meritórias e úteis de adaptar o ensino do português ao contexto específico galego [mostram-se iniciativas pedagógicas de ensino do português realizadas na Galiza]. Todas boníssimas, mas ainda nenhuma é o bastante abrangente para resolver os problemas práticos dos professores nas aulas.

Portanto, o que defendemos no que diz respeito à didática? Nós pensamos que não há que partir de uma receita ideológica. O nosso objetivo é aumentar a competência cultural e comunicativa dos nossos estudantes. E para isso vamos combinar elementos que são próprios da didática da língua materna, e outros da língua estrangeira. Penso que temos de apanhar o melhor de cada uma das metodologias. Pensamos que poderia ser possível uma focagem do tipo de “uma língua e várias sociedades”; não tanto “aprender” português, como melhorar as capacidades linguísticas dos nossos estudantes “através” do português; privilegiar os traços comuns aos diversos países lusófonos, não apenas aos que dizem respeito a Portugal; potencializar a mais-valia do galego através das aulas de português; que os nossos estudos sejam chamados estudos de língua *e cultura* dos países lusófonos, não apenas de língua; promover a abertura cultural e a vantagem cooperativa, em geral, entre os países lusófonos, e criar materiais específicos.

E por último, o que pensamos que ganham os países lusófonos? Nós temos muito claro o que ganhamos nós com a lusofonia, mas queremos mostrar o que ganha também a lusofonia com a Galiza. Em primeiro lugar, aumento do capital relacional; aumento do capital simbólico, sendo como foi a Galiza berço da língua, como já se referiu em várias ocasiões; maior diversidade cultural; potenciação também das relações comerciais; e pensamos que também é interessante, para o português, haver um referente de origem e um possível mediador não ligado diretamente à ex-metrópole.

Dava para falar muito mais. Peço desculpa se nos passamos do tempo. Muito obrigado.